

O Cortejo de Oferendas em benefício da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor (décadas de 1950 e 1960)

Ana Isabel Coelho Pires da Silva

Doutoranda em História Contemporânea - Universidade de Coimbra
Investigadora colaboradora do Centro de História da Sociedade e da Cultura

aicps1@sapo.pt

Texto recebido em/ Text submitted on: 26/02/2010

Texto aprovado em/ Text approved on: 03/05/2010

Resumo/Abstract:

O Cortejo de Oferendas em benefício da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor realizou-se trienalmente entre 1952 e 1971 e surgiu em resposta às dificuldades financeiras da instituição, devidas ao significativo aumento do movimento do Hospital Vaz Monteiro, a seu cargo, e ao conseqüente crescimento das despesas. A organização do evento implicava, entre outros aspectos, o investimento na divulgação e na sensibilização e a constituição de comissões de angariação de oferendas. O Cortejo consistia num conjunto de carros que transportavam as oferendas, desfilando pelas ruas de Ponte de Sor e terminando junto ao Hospital. Para além do seu significado económico, dando um contributo fundamental para o equilíbrio das contas da Misericórdia, o Cortejo destaca-se pela sua grande capacidade mobilizadora e representatividade social e assume-se como «símbolo de caridade» no concelho.

The *Cortejo de Oferendas* (Procession of Offerings) in benefit of the *Santa Casa da Misericórdia* (Holy House of Mercy) de Ponte de Sor took place every three years between 1952 and 1971 and was created as a means to address the institutions' financial difficulties. These difficulties originated with the increase in movement in Hospital Vaz Monteiro, which was at the *Santa Casa's* charge, and the growth of spending that followed. The organization of the event required an investment in advertising and the formation of offerings' gathering commissions, among other tasks. The *Cortejo* consisted of a number of cars that transported the offerings, parading down the streets of Ponte de Sor, ending near the Hospital. Besides its economic significance, giving a fundamental contribution to the *Misericórdia's* finances, the *Cortejo* was an important event due to its great ability to mobilize and represent the society of the time, taking place as a symbol for charity in the council.

Palavras chave/Keywords:

Cortejo de oferendas; Santa Casa da Misericórdia; Ponte de Sor.

Procession of offerings; *Santa Casa da Misericórdia*; Ponte de Sor.

Introdução

O presente artigo incide sobre a organização, a realização e o significado económico e social do Cortejo de Oferendas levado a cabo trienalmente em benefício da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor, nas décadas de 1950 e 1960. Tem como objectivos compreender em que consistiu e quais as finalidades do referido Cortejo; analisar o modo como foi organizado e caracterizá-lo enquanto acontecimento social; avaliar o seu significado em termos económicos, como meio de angariação de fundos; e perspectivá-lo como manifestação da «generosidade do povo do concelho» de Ponte de Sor.

Analisa-se, em primeiro lugar, partindo do contexto nacional, o que foi e com que justificação surgiu o Cortejo de Oferendas em benefício da Misericórdia de Ponte de Sor, no início da década de 1950. Tratam-se, de seguida, diversos aspectos relativos à organização do evento e descreve-se o Cortejo enquanto acontecimento público. Caracterizam-se, depois, os oferentes e as respectivas oferendas e, por fim, avaliam-se os resultados económicos do Cortejo, bem como o seu significado social e simbólico.

O estudo baseia-se em diversas fontes, sobretudo pertencentes ao Arquivo da Misericórdia de Ponte de Sor, para além do jornal local *Ecos do Sor*. De salientar que, embora os cortejos de oferendas se tenham realizado por todo o País no período considerado e sejam referidos em algumas monografias sobre misericórdias, trata-se de um fenómeno pouco conhecido, de resto integrado num período da história das misericórdias que apenas está cientificamente tratado em estudos de síntese.

1. O Cortejo de Oferendas de Ponte de Sor: origem e justificações

Segundo Maria Antónia Lopes, os cortejos de oferendas foram uma das novas modalidades de angariação de fundos adoptadas pelas misericórdias para fazer face às dificuldades financeiras decorrentes da 2.^a Guerra Mundial. Nas palavras da Autora, «os cortejos de oferendas irão ser um sucesso e serão realizados por todo o lado até finais dos anos 60»¹. A Misericórdia

¹ LOPES, Maria Antónia – As Misericórdias portuguesas de D. José I ao final do século XX in PAIVA, José Pedro, coord. – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum: fazer a História das Misericórdias*. Lisboa: Universidade Católica [etc.], 2002, vol. 1, p. 105.

de Oliveira do Bairro reclama o pioneirismo na organização deste tipo de iniciativa, datando de 1941 o seu primeiro cortejo, integrado nas chamadas «Festas de Caridade em benefício do Hospital»; o uso ter-se-ia estendido aos concelhos vizinhos e depois a todo o País².

Neste contexto, o primeiro Cortejo em benefício da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor realizou-se no dia 26 de Outubro de 1952. Datando pelo menos do século XVIII, a Misericórdia de Ponte de Sor foi desde a sua origem a principal, e em muitos aspectos única, instituição de assistência da então vila, situada no norte alentejano. A sua mais importante valência foi sempre o Hospital, que inicialmente se limitava a uma albergaria, destinada a acolher os pobres viandantes, mas que adquiriu funções curativas na segunda metade do século XIX³. Funcionando durante décadas em edifícios acanhados face à crescente frequência, aquele recebeu novas instalações em 1936, com a construção do Hospital Vaz Monteiro, feita a expensas dos beneméritos locais José e Ana Vaz Monteiro. Foi esta instituição a principal destinatária dos Cortejos de Oferendas, que se assumiram como a mais significativa manifestação colectiva de benemerência/caridade da população de Ponte de Sor.

Ao todo, a Misericórdia de Ponte de Sor organizou oito Cortejos, entre 1952 e 1971, quase sempre de três em três anos, nos meses de Outubro, Novembro e sobretudo Dezembro, em três casos no dia 8 de Dezembro, feriado consagrado a Nossa Senhora da Conceição. A escolha dos últimos

² MOTA, Armor Pires – *Oliveira do Bairro: vida e obra da Santa Casa*. [Oliveira do Bairro]: Santa Casa da Misericórdia, 1999, p. 61-76. Para outros casos, ver SILVA, Francisco Caetano da; VENTURA, Maria Helena Santos – *Santa Casa da Misericórdia de Alvaiázere: contributos para a sua história: 1663-1997*. [S.l.: s.n.], 1997, p. 23. ARIEIRO, José Borlido C. – *Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez*. Arcos de Valdevez: Câmara Municipal, 1995, p. 59. SANTA CASA da Misericórdia de Barcelos – *Memória da I semana das ofertas ao Hospital realizada em 7 de Outubro de 1843*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1943. DIAS, Fernando da Silva – *Campo Maior a preto e branco: dos anos vinte aos anos cinquenta*. Lisboa: Livros Horizonte, 2000, p. 108-111. LEMOS, Eugénio de – *A Santa Casa da Misericórdia da Vila de Lousã: resenha histórica*. Lousã: [s.n.], 1966, p. 137-167. Óbidos: cortejo de oferendas para o Hospital da Misericórdia: relatório e contas de 1946. [S.l.: s.n.], 1947. LOURENÇO, José – *Comemoração do 2.º cortejo de oferendas do Hospital da Misericórdia de S. Vicente de Beira 1952*. [S.l.: s.n.], 1953.

³ SILVA, Ana Isabel Coelho Pires da – *O Hospital da Confraria de S. Francisco / Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor: das origens a 1850*. Ponte de Sor: Santa Casa da Misericórdia, 2005.

meses do ano pode relacionar-se quer com o avolumar das dificuldades orçamentais nessa época, quer com o facto de as colheitas estarem feitas e de estar pronta, nessa altura, a maioria dos géneros agrícolas e outros produtos, que eram oferecidos no Cortejo. Por outro lado, desta forma, a Misericórdia ficava abastecida para o Inverno, que então começava, em produtos tão importantes como os combustíveis, sobretudo lenha.

Não ficou registada nas actas das sessões da Comissão Administrativa da Misericórdia qualquer decisão relativa ao Cortejo de 1952, que permitisse conhecer os motivos pelos quais se tomou a iniciativa. A única referência ao evento na citada fonte é já de 7 de Novembro desse ano, quando a Comissão se congratulava pelo «optimo resultado» obtido, deliberando agradecer aos «benfeitores» da Misericórdia⁴.

Pensou-se realizar o 2.º Cortejo logo em 1954⁵, mas tal não se concretizou. Em Fevereiro de 1955, a Mesa Administrativa da Misericórdia emitiu uma *Informação* de prestação de contas do seu primeiro ano de exercício, na qual se demonstrava a importância do 1.º Cortejo para o equilíbrio das contas da instituição e se justificava a necessidade de dar continuidade à iniciativa, lançando assim a ideia do 2.º Cortejo. Os tópicos abordados respeitavam quase exclusivamente ao Hospital Vaz Monteiro, em concreto: a crescente frequência do Hospital, tanto a nível de internamentos (de 33 em 1949 para 255 em 1954), como de tratamentos a doentes externos, a maioria dos quais gratuitos, pois destinados a doentes pobres; os vencimentos do pessoal, alguns dos quais aumentados, face à duplicação de trabalho; as instalações, tendo-se diligenciado no sentido de aumentar o número de camas, para responder à maior afluência de doentes; o material (roupas e material cirúrgico); e os medicamentos e alimentação, com custos anuais elevadíssimos, dificilmente suportados e apenas reduzidos pela oferta de géneros à Misericórdia, tendo sido alguns ainda recebidos no 1.º Cortejo. Face a este retrato da situação, a Mesa verificava que «Foi possível fazer

⁴ Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor (ASCMPs), *Livro de actas das sessões da Mesa Administrativa 1950-1958*, fl. 21. A inexistência do livro de actas para os anos de 1958 a 1968 impede-nos de ter informações dessa fonte para os Cortejos de 1960, 1962 e 1965.

⁵ Em sessão da Comissão Administrativa de 3 de Maio de 1954, deliberou-se oficiar ao Governador Civil do Distrito, solicitando o seu patrocínio para a iniciativa. ASCMPs, *Livro de actas das sessões...*, fls. 33v-34.

face ao excesso da despesa, com o saldo que veio do ano anterior, consequência do optimo “Cortejo de Oferendas” levado a efeito no ano de 1952. § E concluimos, que só será possível prestar assim bôa assistencia hospitalar e continuar a melhorar as instalações, se fôr levado a efeito pelo menos de 2 em 2 anos, um Cortejo de Oferendas.»⁶

A decisão para a realização do 2.º Cortejo estava deste modo tomada. Em sessão de 4 de Julho de 1955, deliberou-se officiar ao Governador Civil e ao Presidente da Câmara de Ponte de Sor, solicitando autorização, colaboração e a sua presença para presidir ao evento, escolhendo-se o dia 16 de Outubro⁷. Um mês depois, a 1 de Agosto, foi emitida outra *Informação*, desta vez em jeito de pedido, do «Hospital Vaz Monteiro ao povo do Concelho de Ponte de Sôr»⁸. A Mesa resolvera realizar o Cortejo, recorrendo à «bondade e generosidade do Povo do concelho», tendo em conta que as receitas próprias não comportavam as «elevadíssimas despesas que se fazem com a hospitalização dos doentes e tratamentos dos doentes externos pobres», as quais se agravavam diariamente. Desta vez, o apelo era extensível às freguesias de Galveias e Montargil, pois a nova classe de Hospital Sub-Regional implicava a obrigação de receber doentes daquelas. Em justificação e para esclarecimento, apresentavam-se o movimento de internamento de doentes nos seis anos anteriores e as principais despesas efectuadas (medicamentos, alimentação e diversas) no ano corrente. Informava-se ainda, em relação às instalações, que estas já não correspondiam às necessidades, estando a lotação das enfermarias quase sempre completa. Pedia-se o «concurso de todas as boas vontades» e lembrava-se «quanto seria agradável dar ao “Cortejo de Oferendas” um ambiente de alegria, concorrendo, ranchos de raparigas e rapazes, carros ornamentados, filarmónicas e tudo o mais que se julgar interessante e adaptável».

A publicidade ao Cortejo continuava pelas mãos do Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor, que, numa *Circular* datada de 1 de Outubro de 1955 e de conteúdo idêntico ao da *Informação* atrás referida, dava conta do

⁶ ASCMPS, *Informação da Mesa Administrativa*, 28 Fevereiro 1955.

⁷ ASCMPS, *Livro de actas das sessões...*, fls. 46-47.

⁸ ASCMPS, *Informação Hospital Vaz Monteiro ao povo do Concelho de Ponte de Sôr*, 1 Agosto 1955.

evento, autorizado e com o «alto valimento e patrocínio» do Governador Civil e da Câmara Municipal⁹.

Entre os documentos relativos ao Cortejo que chegaram até nós, contam-se apenas mais duas circulares, uma do Presidente da Câmara, de 1960, e outra da Mesa da Misericórdia, de 1971, semelhantes às anteriores, publicitando e simultaneamente justificando o evento junto do público em geral¹⁰.

De acordo com as actas das sessões da Mesa, a decisão de realizar os Cortejos de 1968 e 1971 baseou-se nas dificuldades financeiras da Misericórdia, visto que as receitas próprias não chegavam para cobrir as crescentes despesas com o Hospital, tornando-se fulcral o auxílio recebido através do Cortejo¹¹.

Nos artigos do jornal local *Ecos do Sor* que, ao longo dos anos, anunciavam e publicitavam o Cortejo, eram reforçadas as justificações até aqui apontadas. Em 1957, chamando-se a atenção para o constante aumento da frequência do Hospital Vaz Monteiro, afirmava-se: «De todos é sabido que os subsidios do Estado são insignificantes, em relação ao montante das necessidades, o contributo dos doentes, porque quasi todos absolutamente pobres, todo somado, é também reduzidíssimo; outras receitas a Santa Casa, à excepção de uma ou outra doação cujo rendimento ascende a poucos milhares de escudos, não tem. § Não resta pois a menor dúvida que o Hospital, para se manter, tem forçosamente que recorrer à generosidade do Concelho [...]»¹². Em geral, recorria-se ao «gritante testemunho dos números» contabilísticos e da frequência hospitalar para justificar o Cortejo, demonstrando a clara insuficiência das receitas em relação às despesas, que aumentavam proporcionalmente ao movimento hospitalar.

Em suma, os Cortejos surgiram para procurar dar resposta às dificuldades financeiras da Misericórdia, motivadas por um progressivo aumento do movimento do Hospital Vaz Monteiro e pelo conseqüente crescimento das despesas. Quanto à frequência hospitalar, cuja evolução é documentada

⁹ ASCMPS, *Circular do Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor*, 1 Outubro 1955.

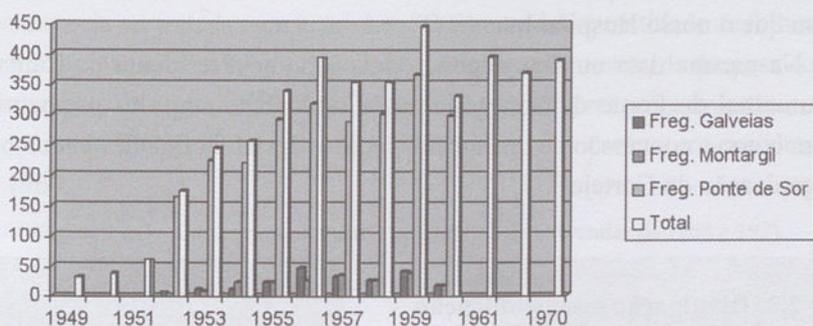
¹⁰ ASCMPS, *Circular do Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor*, 26 Outubro 1960; *Circular da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor*, 23 Outubro 1971.

¹¹ ASCMPS, *Livro de actas das sessões da Mesa Administrativa 1968-1978*, Sessões de 30 Setembro 1968 e 25 Outubro 1971, fls. 2v-3 e 37v-38.

¹² *Ecos do Sor*. 62 (30/11/1957) 1.

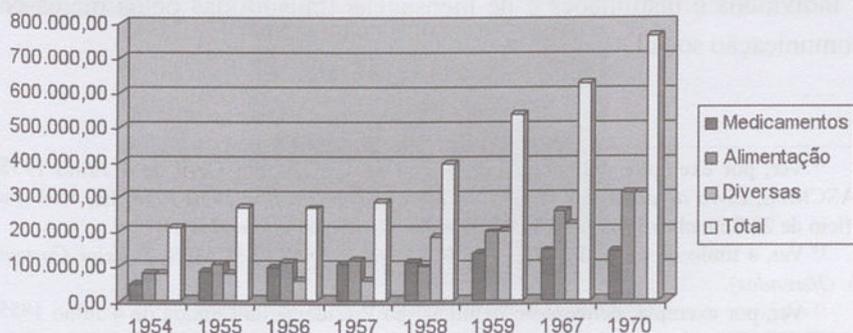
pelo Gráfico 1, o aumento registado, tanto ao nível de internamentos (em 1954, 58% gratuitos e 42% de pensionistas), como ao de tratamentos a doentes externos (quase todos pobres), deveu-se em parte à mudança de estatuto do Hospital para Sub-Regional, em 1954. É de salientar que, de 1951 para 1952, ano do 1.º Cortejo, o número de doentes hospitalizados quase triplicou, passando de 60 para 174. Particularmente significativo foi o aumento nos anos de 1949 a 1959, de 33 doentes hospitalizados para 444. Esta subida correspondeu, como se disse, a um movimento das despesas no mesmo sentido, ilustrado pelo Gráfico 2, sendo que o total dos gastos do Hospital Vaz Monteiro passou de cerca de 210.000\$00 em 1954 para cerca de 540.000\$00 em 1959.

Gráfico 1 – Número de doentes hospitalizados no Hospital Vaz Monteiro (1949-1970).



Fonte: ASCMPS, *Informações e Circulares*; *Ecos do Sor*, vários números.

Gráfico 2 – Evolução da despesa (principais sectores e total, em escudos) do Hospital Vaz Monteiro (1954-1970).



Fonte: ASCMPS, *Informações e Circulares*; *Ecos do Sor*, vários números.

2. Organização do Cortejo de Oferendas

2.1. Contactos oficiais

Depois de se decidir, em Mesa, realizar uma nova edição do Cortejo, solicitava-se autorização e alto patrocínio ao Governador Civil de Portalegre¹³. Convidava-se o destinatário a presidir à festa e solicitava-se a concessão do costumado subsídio por parte do Governo Civil, no valor de 5.000\$00. Ao mesmo tempo ou alguns dias depois, pedia-se ao Governador que intercedesse junto de ou fizesse chegar um ofício da Misericórdia ao Ministro do Interior (nos anos de 1957 e 1960) ou Ministro da Saúde e Assistência (de 1965 a 1971), com vista à concessão do habitual subsídio de 10.000\$00. Tal pedido era justificado com as «necessidades presentes com que o nosso Hospital luta»¹⁴.

Na mesma data ou dias depois, oficiava-se ao Presidente da Câmara Municipal de Ponte de Sor, solicitando também o seu alto patrocínio, bem como a concessão de um subsídio e de todas as facilidades para a boa organização do Cortejo¹⁵.

2.2. Divulgação e sensibilização

A chamada «propaganda» do Cortejo, ou seja, a divulgação e a sensibilização do público para o significado da iniciativa, visando o contributo de todos, fazia-se através de materiais impressos, de pedidos dirigidos a indivíduos e instituições e de mensagens transmitidas pelos meios de comunicação social.

¹³ Ver, por exemplo, deliberação de oficiar ao Governador Civil de 4 Julho 1955 (ASCMPs, *Livro de actas das sessões da Mesa Administrativa 1950-1958*, fls. 46-47) e ofício de 28 Setembro 1965 (ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*).

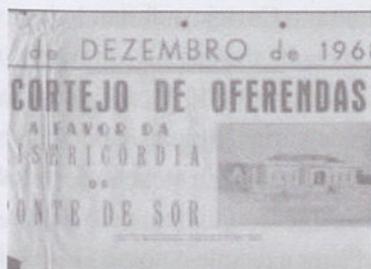
¹⁴ Ver, a título de exemplo, ofício de 11 Setembro 1968 (ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*).

¹⁵ Ver, por exemplo, deliberação de oficiar ao Presidente da Câmara de 4 Julho 1955 (ASCMPs, *Livro de actas das sessões da Mesa Administrativa 1950-1958*, fl. 46-47) e ofício de 27 Setembro 1968 (ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*).

Quanto aos materiais de propaganda impressos, podem distinguir-se duas grandes tipologias, com tiragens e públicos diferentes, designadamente, programas, prospectos e cartazes, por um lado, informações e circulares, por outro.

Os primeiros eram documentos mais simples e de maior dimensão, destinados a um público vasto. Impressos em grande quantidade, seriam sobretudo afixados em locais públicos, «em todas as paredes, por todas as ruas, nas Vilas ou Aldeias»¹⁶. Como se vê nas imagens 1 a 3, incluíam mensagens curtas e incisivas, que, em geral, associavam o acto de contribuir para o Cortejo à caridade, a um sentimento de participação e entreadjuada na comunidade, que se exprimia mesmo em «bairrismo» (o Hospital era de Ponte de Sor e todos os pontessorenses tinham o dever de contribuir para o ajudar), e à obrigação de auxiliar uma obra de que todos usufruíam, e que por isso merecia ser tratada com «carinho». O aumento da quantidade de folhetos e cartazes que se mandavam imprimir e, conseqüentemente, da despesa com este aspecto da organização dos Cortejos sugere um crescente investimento por parte da Misericórdia na «propaganda» do evento, sobretudo na década de 1960.

Imagens 1 a 3 – Cartazes publicitando os Cortejos de Oferendas de 1968 e 1971.



Fonte: ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*.

¹⁶ *Ecos do Sor*. 60 (30/10/1957) 1.

As informações e circulares eram documentos mais extensos, em que se justificava a necessidade do Cortejo apresentando os números da frequência e das despesas hospitalares. Elaboradas pela Misericórdia e pelo Presidente da Câmara, eram impressas em menor quantidade do que os outros materiais, destinando-se possivelmente a um grupo mais restrito de eventuais oferentes, e remetidas pelo correio ou distribuídas em mão, quer pelas comissões adiante referidas, quer pelos Presidentes de Junta de Freguesia. De resto, o envio a destinatários concretos de circulares, bem como de cartas, cartões e cartões-convite, configurava uma prática de pedidos dirigidos. Contactar-se-iam, em concreto, pontessorenses residentes fora do concelho e pessoas de reconhecida capacidade económica, com possibilidade de fazer maiores ofertas. Elaboraram-se também circulares específicas, destinadas sobretudo a laboratórios farmacêuticos de todo o País, visando a oferta de medicamentos, bem como a empresas industriais e a casas comerciais¹⁷.

Por fim, quanto à propaganda ao Cortejo através dos meios de comunicação social, destacava-se o recurso à imprensa. Em 1965, por exemplo, foram convidados para a Comissão de Honra, instalada num local privilegiado de observação do Cortejo, repórteres de jornais locais, regionais e nacionais, visando a realização de reportagens sobre o evento¹⁸. No entanto, a Misericórdia também utilizou os jornais para publicitar o Cortejo, sobretudo junto dos pontessorenses a residir fora do concelho ou até mesmo no estrangeiro. Veja-se, a este propósito, um ofício de 15 de Novembro de 1971, dirigido pelo Provedor a representantes e correspondentes de vários jornais, dando conta da data do evento e solicitando colaboração para «chamar a atenção de todos os Pontessorenses espalhados pelo Mundo Portugues e tambem pelo Estrangeiro a colaborarem nesta cruzada de Bem-Fazer e de que o nosso Hospital tanto carece [...], enviando as suas dádivas á referida Misericordia»¹⁹.

O esforço de divulgação do Cortejo chegou também à rádio e inclusivamente à televisão. Nos anos de 1965, 1968 e 1971, cerca de um mês antes do Cortejo, foram enviados ofícios ao Director da Emissora Nacional de

¹⁷ Vejam-se, por exemplo, a circular de 23 de Setembro de 1955, dirigida pelo Provedor da Misericórdia a laboratórios farmacêuticos, e uma outra de 1971, destinada a proprietários de «Empresas Industriais» (ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*).

¹⁸ ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*.

¹⁹ ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*.

Radiodifusão, e, em 1965, também à Rádio Televisão Portuguesa e ao Rádio Clube Português. Informava-se da realização do Cortejo e, porque se previa uma receita inferior às anteriores, devido aos recentes maus anos agrícolas, agradecia-se publicidade diária ao evento nos noticiários, «apelando ainda para que todos os pontessorenses, residentes fora deste concelho enviassem ofertas»²⁰. Estes seriam, pois, o principal destinatário deste vector do investimento em «propaganda», sempre na lógica da indissolubilidade do laço afectivo e dos deveres implícitos que ligam o (e)migrante à terra natal.

2.3. Comissões de angariação de oferendas

A angariação dos donativos junto da população era feita através de peditórios, realizados pelas chamadas comissões de angariação. Constituíam-se várias comissões para a vila de Ponte de Sor, sendo cada uma responsável pela recolha numa zona ou conjunto de ruas, e outras para as vilas de Galveias e Montargil e para as aldeias e lugares do concelho. Os membros das comissões percorriam as ruas ou os locais sob a sua responsabilidade, falando directamente com as pessoas e recolhendo os donativos.

A constituição das comissões, que se processava nos meses anteriores ao Cortejo, de Setembro a Novembro, estava a cargo do Presidente da Câmara e sobretudo da Misericórdia, sendo os comissionários convidados por escrito ou pessoalmente. No respectivo processo de selecção, eram interlocutores privilegiados da Misericórdia os Cabos de Ordens, pois, enquanto agentes locais da autoridade, conheciam bem as comunidades e estavam em condições de indicar ao Provedor as pessoas mais adequadas para o desempenho daquela missão.

As comissões de angariação eram compostas por um número variável (1 a 10) de homens, na sua esmagadora maioria²¹. Em termos sociais, tudo

²⁰ ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*, ofício de 10 Novembro 1965, por exemplo.

²¹ Os organizadores pediam expressamente nomes de «senhores». As duas únicas mulheres referidas nas fontes são a filha de Manuel José Espadinha, que acompanhava o pai na Comissão de Rosmaninhal em 1965 (ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*, «Composição das Comissões angariadoras») e D. Joaquina Calado Poeira (Vale de Bispo Fundeiro), a quem, por ofício de 25 de Novembro de 1968, o Provedor agradecia «toda a sua

indica que os comissionários seriam pessoas activas na comunidade ou, pelo menos, reconhecidas pelos seus pares como aptas para essa função; eventualmente homens que se destacavam social e/ou economicamente nas respectivas localidades, como os proprietários rurais ou industriais, os médicos, os Presidentes de Junta de Freguesia, os párocos ou os próprios Cabos de Ordens, embora houvesse também membros de comissão que desempenhavam ofícios mecânicos.

2.4. Convites para integrar o Cortejo

A Misericórdia convidou diversas instituições locais, públicas e privadas, para se fazerem representar no Cortejo, com vista ao «engrandecimento e luzimento que se pretende, e que é normal em todas as festas deste género, realizadas no País».

Em relação às escolas do concelho, salientava-se que a sua representação, pela presença das crianças, conferia ao evento «uma alegria, um entusiasmo que a todos tem causado uma agradável impressão». Solicitava-se aos professores primários de Ponte de Sor que os seus alunos incorporassem o Cortejo, devendo cada um levar como oferta um ovo. Convidavam-se também o Director e os alunos do Externato Camões, conhecido em Ponte de Sor por “Colégio”, destacando-se a «valiosa contribuição» prestada em anos anteriores²², bem como os alunos do Ciclo Preparatório D. Manuel I, que abriu no ano lectivo de 1967/68²³.

A par das escolas, a Misericórdia solicitou a vários proprietários, responsáveis por casas agrícolas, e a directores de empresas locais, em particular agências bancárias, que se fizessem representar no Cortejo. Foram ainda convidadas a participar no evento instituições locais de carácter diverso,

boa vontade por mais uma vez prestar o seu concurso no peditório que este Hospital leva a efeito com o seu Cortejo» (ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*).

²² ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*, ofício do Provedor ao Director do Externato Camões, de 30 Outubro 1968.

²³ ASCMPs, *Dossier Cortejo de Oferendas*, ofícios do Provedor ao Director do Ciclo Preparatório, de 7 Novembro 1968 e 2 Novembro 1971.

nomeadamente, musical, desportivo, associativo, de defesa e segurança, administrativo e assistencial.

2.5. Comissão de Honra de recepção das oferendas

A Comissão de Honra de recepção das oferendas do Cortejo era presidida pelo Governador Civil (ou seu representante) e composta pela elite política, económica e social de Ponte de Sor. Ficava instalada na Tribuna de Honra, no Coreto do Jardim Público, localizado junto ao Hospital, onde eram entregues as oferendas e terminava o Cortejo.

Entre os convidados para a Comissão de Honra, destacavam-se sempre, para além do Governador Civil, o Presidente da Câmara (acompanhado do Vice-Presidente e dos Vereadores), o Provedor e os membros da Mesa da Misericórdia; realce também para o Presidente da Junta de Freguesia de Ponte de Sor, um agente das forças de segurança e o pároco local. Estavam representadas as instituições político-administrativas e judiciais locais e regionais, as policiais e de segurança, as de ensino, as de saúde e assistência, as desportivas e culturais, as religiosas e as de carácter económico, bem como indivíduos de reconhecido estatuto socioeconómico, nomeadamente, advogados, agricultores ou proprietários, industriais, comerciantes e pequenos empresários, médicos, farmacêuticos e professores.

Haveria um convívio íntimo entre os membros desta elite regional e local, patrocinado pela própria Câmara Municipal, centro de influências, que evidenciava uma preocupação em receber bem. Por exemplo, no dia do Cortejo de 1971, o Presidente da Câmara ofereceu um «almoço íntimo» a cerca de vinte convidados, incluindo o Governador Civil, que presidiria ao evento, os Provedores e representantes das Mesas das Misericórdias de Ponte de Sor, Abrantes, Gavião, Nisa, Mora e Évora e ainda várias entidades e autoridades das três freguesias do Concelho²⁴.

²⁴ Ver *Ecos do Sor*. 535 (18/12/1971) 1.

3. O Cortejo de Oferendas enquanto acontecimento público

O Cortejo realizava-se a um domingo ou dia feriado (8 de Dezembro), começando entre as 12h00 e as 13h00. Consistia essencialmente num conjunto de carros, de tracção animal e motorizados, que transportavam as oferendas, desfilando pelas principais artérias de Ponte de Sor, passando pelo Coreto do Jardim Público, onde estava instalada a Tribuna de Honra, e terminando junto ao Hospital, onde eram solenemente entregues as oferendas.

Nas páginas de *Ecos do Sor*, foi apresentado como «longo desfile de gente, carros, camionetes, furgonetes, e até tractores» (1955); «extenso desfile» (1960); «no extenso e brilhante cortejo incorporaram-se dezenas de viaturas, algumas engalanadas a primor» (1962); «enorme serpente de carros e de gente» (1968); «vistoso desfile, presenciado por grande multidão» (1971)²⁵.

Cada carro representava uma localidade do concelho, uma zona ou uma rua da vila de Ponte de Sor, uma instituição ou empresa, uma casa agrícola ou comercial, um indivíduo ou família ou um determinado grupo de pessoas, sobretudo profissional. Os carros eram enfeitados com motivos diversos, alusivos às entidades neles representadas, que eram identificadas com letreiros. Poderá mesmo falar-se de carros alegóricos, como o que fechava o Cortejo de 1968, que «era um moinho no seu velejar, pois os panos ou velas rodavam à volta do seu eixo, num rodar constante»; no mesmo desfile, a meio, seguia outro carro com «uma imponente “Caravela” dos Descobrimentos, de velas desfraldadas»²⁶. Seriam «dezenas de carros», 70 em 1965 e pelo menos 40 em 1968, segundo contagem do repórter de *Ecos do Sor*²⁷.

Em frente, ao lado e em cima dos carros seguiam as comissões angariadoras, no caso das localidades, ou membros das entidades, trajados a rigor (por exemplo, com as respectivas fardas). O conjunto era animado pela presença de bandas musicais e ranchos folclóricos, bem como pelos cantares das crianças das escolas, que despertavam particular simpatia entre

²⁵ Ver *Ecos do Sor*, números seguintes: 14 (30/10/1955) 3; 154 (30/11/1960) 1-4; 226 (20/12/1962) 1-4; 437 (20/12/1968) 1-4; 535 (18/12/1971) 1.

²⁶ *Ecos do Sor*. 437 (20/12/1968) 1-4.

²⁷ Ver *Ecos do Sor*. 331 (20/12/1965) 1-4; 437 (20/12/1968) 1-4.

a assistência e impressionavam os jornalistas. O desfile era acompanhado pela população, que acorria em peso às ruas, como mostram as fotografias e sugerem as expressões usadas pela imprensa: a Vila «andava toda na rua» (1968); desfile «presenciado por grande multidão» (1971)²⁸.

Quanto às entidades representadas, concretizavam-se os convites atrás referidos. Abriam o Cortejo uma banda filarmónica convidada, os «garbosos rapazes da Mocidade Portuguesa» ou os Bombeiros Voluntários, desfilando também nos primeiros lugares o grupo dos Escuteiros. Seguiam-se várias representações, com destaque para as de freguesias e lugares do concelho, algumas acompanhadas pelos respectivos ranchos folclóricos, e para as de zonas ou ruas da vila de Ponte de Sor. É de salientar o contributo dos ranchos para a animação do Cortejo; representativos das identidades locais, eram constituídos por jovens, o que dava ainda nota de maior alegria.

Particularmente criativas e atraentes eram as representações das escolas, tanto das escolas primárias do concelho, como do Externato Camões e, mais tarde, do Ciclo Preparatório D. Manuel I²⁹. Faziam-se também representar no Cortejo diversas casas agrícolas, comerciais e industriais da zona, algumas entidades oficiais (locais, regionais e nacionais) e determinados grupos profissionais, como o das «Criadas de Servir de Ponte de Sor» e o dos «Empregados de escritório e comércio» da vila.

Importa ainda referir o discurso que o Provedor proferia no final do Cortejo, da Tribuna de Honra, agradecendo «todas as generosidades e boas vontades» e, certamente aproveitando a presença das autoridades e a vasta audiência, chamando a atenção para os problemas do Hospital. Assim, não só justificava e legitimava o presente Cortejo, como mantinha viva a ideia da necessidade de iniciativas futuras.

²⁸ Ver *Ecos do Sor*. 437 (20/12/1968) 1-4; 535 (18/12/1971) 1.

²⁹ Veja-se, a título de exemplo, a «atraente “Galinha” rodeada por dúzias de ovos no original carro ornamental das Escolas Primárias Femininas de Ponte de Sor», em 1965 (*Ecos do Sor*. 331 (20/12/1965) 1-4).

Imagens 4 e 5 – 1.º Cortejo de Oferendas, 26 de Outubro de 1952. Passagem do desfile pela Avenida General Carmona (actual Avenida da Liberdade, à esquerda) e pela Rua Vaz Monteiro (à direita).



Fonte: Postais antigos de Ponte de Sor, ed. *Ecos do Sor*.

Imagens 6 e 7 – À esquerda, carros motorizados transportando oferendas e representantes das diversas entidades integrantes do Cortejo (1971). À direita, Tribuna de Honra, no Coreto do Jardim Público (1971).



Fonte: *Ecos do Sor*. 535 (18/12/1971) 1.

4. Oferentes e oferendas

Considerando os oferentes que contribuíram para o Cortejo, podemos distinguir entre institucionais e particulares. No primeiro grupo, inserem-se as entidades oficiais, as escolas, as associações ou grupos de diversa natureza, as empresas farmacêuticas e outras, locais ou de fora. Os particulares são sobretudo indivíduos, repartidos pelas várias zonas de angariação de oferendas, consoante a sua residência, mas também alguns grupos identitários, principalmente de carácter profissional.

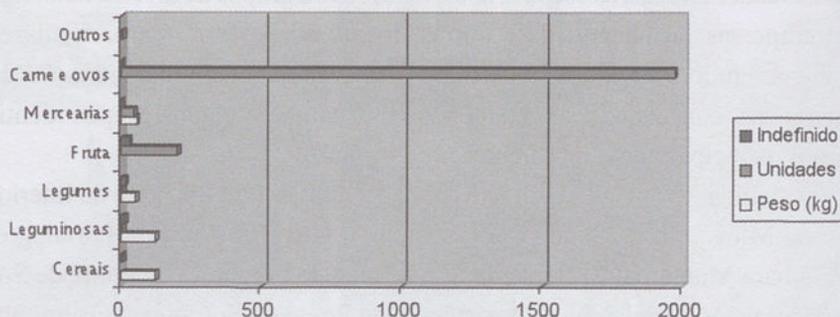
As entidades oficiais abrangem o Estado, através do Ministério do Interior ou do Ministério da Saúde e Assistência, o Governo Civil de Portalegre, a Câmara Municipal de Ponte de Sor, a Junta de Freguesia de Ponte de Sor e a Comissão Municipal de Assistência de Ponte de Sor, que contribuíram com subsídios de 10.000\$00, no primeiro caso, 5.000\$00 nos seguintes e 1.000\$00 nos dois últimos.

Em relação às instituições escolares, é de salientar o contributo das crianças das escolas primárias de todo o concelho. A dimensão das oferendas individuais era variável, mas, em geral, tratava-se de «ofertas pequeninas», o que se compreende tendo em conta a falta de recursos da maioria das famílias, que já contribuíam para o Cortejo através dos peditórios realizados na sua área de residência. Assim, como demonstra o Gráfico 3, os produtos mais oferecidos pelas crianças eram os ovos, seguidos, a grande distância, da fruta, sobretudo laranjas e tangerinas, dos cereais e das leguminosas³⁰. A pequenez das oferendas estava de acordo com o lema expresso nas seguintes quadras, registadas na relação dos donativos das crianças da Escola Feminina n.º 2, de Ponte de Sor, em 1968: «É bonita a Caridade, / Ajudai o doentinho, / Dai-lhe de boa vontade, / Nem que seja um só ovinho. // Muitos

³⁰ Segue-se a discriminação dos produtos (e respectivas quantidades) inseridos em cada categoria do Gráfico 3. Cereais: Arroz (113,5 kg), Milho. Leguminosas: Feijão (113,75 kg), Grão. Legumes: Alhos, Batatas (39,25 kg), Cebolas, Couve, Hortaliça. Fruta: Azeitonas, Castanhas, Dióspiros, Laranjas (139), Maças, Romãs, Tangerinas (48), Cesto de fruta. Mercarias: Açúcar (22 kg), Atum, Azeite, Bolachas, Café, Farinha (1 kg e 6 pacotes), Farinha Nestlé, Margarina, Massa (28,25 kg e 14 pacotes), Merendas, Sabão. Carne e ovos: Chouriço, Enchido, Frangos, Galinhas, Ovos (1962). Outros: Lâmpadas (5).

poucos fazem muito / Diz o povo com razão, / A galinha enche o papo / Engolindo grão a grão.»³¹.

Gráfico 3 – Géneros oferecidos pelos alunos das Escolas Primárias mistas, masculinas e femininas (1955-1968).



Fonte: ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*.

Os alunos do Externato Camões ou “Colégio” e, a partir de 1968, os da Escola Preparatória D. Manuel I, ofertavam sobretudo roupa, nomeadamente, roupa de cama (incluindo cobertores e mantas), toalhas e vestuário, na sua maioria de criança, para além de calçado, louças, diferentes objectos e medicamentos.

As associações e grupos diversos, de carácter desportivo, musical ou religioso, contribuíam essencialmente com oferendas em numerário. Várias empresas, sobretudo locais, mas também de fora, ajudavam com dinheiro ou géneros, neste caso relacionados com a sua actividade, destacando-se os laboratórios farmacêuticos, que enviavam amostras de produtos próprios.

No que respeita aos oferentes particulares, verifica-se que os contributos a título individual se faziam por intermédio dos peditórios (as pessoas eram visitadas nas suas casas ou estabelecimentos comerciais pelas comissões angariadoras da respectiva zona) ou por correspondência, no caso dos pontessorenses residentes fora do concelho.

³¹ ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*, «Relação dos Donativos das Crianças da Escola Feminina n.º 2 (Largo da Igreja)», 8 Dezembro 1968.

As ofertas individuais podiam ser em géneros, em dinheiro ou ambos, havendo ainda alguns casos de execução gratuita de trabalho. Regista-se uma grande diversidade no tipo e na quantidade de géneros, bem como nas quantias oferecidas, na maior parte das situações relacionada com o nível de vida dos oferentes³². As pessoas ofereciam produtos relacionados com a actividade que desempenhavam ou de que dispunham nas suas hortas³³. Tratava-se, essencialmente, de géneros agrícolas; apenas nos peditórios realizados nas ruas da Vila apareciam outras ofertas, nomeadamente, mercearias, roupas e produtos menos comuns³⁴.

A esmagadora maioria das pessoas contactadas pelas comissões oferecia, mesmo que muito pouco. Isto demonstra a extraordinária capacidade mobilizadora do evento. Nas listas de peditório eram claramente assinalados os que não tinham dado ou querido dar nada e essa atitude era criticada nos artigos de *Ecos do Sor*, de harmonia com a ideia de que todos os pontessorenses tinham o dever de auxiliar o Hospital, não só por uma questão de caridade para com os pobres, mas também porque o equipamento se destinava a servir a todos e ninguém estava isento de poder vir a necessitar dele.

É interessante o contributo dos pontessorenses de fora, inclusivamente do estrangeiro que, apesar de longe, não esqueciam a «sua terra» e dos seus familiares e faziam votos para o Cortejo fosse um sucesso.

³² Desde os 1.000\$00 oferecidos pelo Dr. João Pelouro Coelho (1952), juiz e Provedor da Misericórdia, a quantias de 1\$00 ou 2\$00; desde dois carros cheios de géneros agrícolas (Joaquim Rosado Marques, 1952) a 1 ovo, 1 réstia de cebolas ou 1 gorro (1952). ASCMPS, Relações de peditórios várias.

³³ Por exemplo, José Augusto, ferreiro de Ponte de Sor, ofereceu 1 trempe, 1 machado, 1 pá, 1 tenaz, e 1 espeto (1952) e Joaquim Tourão, peixeiro da mesma vila, 2 kg de peixe (1952); registam-se também ofertas de ovos, galinhas, pequenas quantidades de milho, arroz, feijão, batatas, cebolas, abóboras, algumas peças de fruta (maçãs, romãs, laranjas). ASCMPS, Relações de peditórios várias.

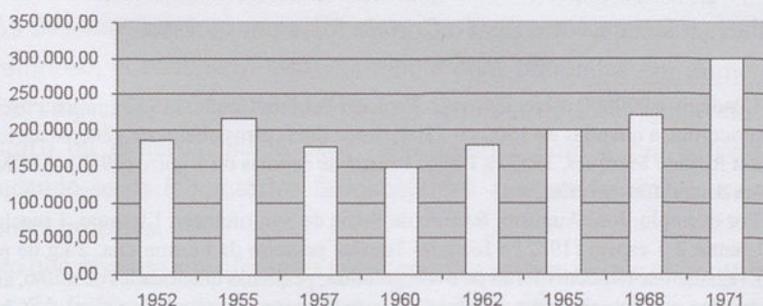
³⁴ Vejam-se alguns exemplos: entre as mercearias, garrafas de bebidas alcoólicas, farinha, pacotes de Farinha 33, chouriço, massa, bananas (1952), 1 caixa de sabão, 1 caixa de cera (1955), conservas, pão (1957); entre as roupas, 1 manta de retalhos, 6 guardanapos, 1 toalha de rosto, 8 cobertores, 1 coberta, 5 lençóis, 1 toalha de plástico, 1 combinação, 1 enxoval de criança, 1 gorro, 2 xailes, 1 calções de menino, 1 par de sandálias e 2 de sapatos (1952); móveis como 1 braseira e 1 estrado, 1 cesto para papéis, 1 mesa-de-cabeceira, 1 floreira, 1 tanque de cimento para lavar roupa, 2 relógios (1952); louças como 1 fervedor de alumínio, 4 tigelas, 18 pratos, 6 peças de louça de barro (1952 e 1955); e outros produtos menos comuns, como 1 sombrinha ou 6 livros (1952). ASCMPS, Relações de peditórios várias.

Para além das ofertas individuais, há que referir as protagonizadas por determinados grupos, sobretudo profissionais, como os criados de casas agrícolas, as criadas de servir da Vila (neste caso, significativo sentimento identitário, capaz de unir todas as profissionais, e forte sentimento caritativo, dada a pobreza destas mulheres)³⁵ e os próprios funcionários do Hospital, cujas oferendas eram recolhidas em conjunto com as do inesperado grupo dos «doentinhos» do Hospital³⁶. Na verdade, o objectivo do Cortejo era que este equipamento pudesse continuar a servir os que dele precisassem, o que justifica a inclusão dos utentes do presente num contributo para o futuro.

5. Resultados do Cortejo de Oferendas: significado económico

Conforme demonstra o Gráfico 4, o resultado final dos Cortejos terá oscilado entre cerca de 150.000\$00, em 1960, e 300.000\$00, em 1971, tendo-se registado um aumento do primeiro evento para o segundo (de cerca de 28.000\$00), seguido de uma quebra até 1960 e, depois, de um aumento progressivo.

Gráfico 4 – Resultados dos Cortejos de Oferendas
(valores totais de dinheiro e géneros recebidos, em escudos).



Fonte: ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*; *Ecos do Sor*; vários números.

³⁵ O peditório realizado em 7 de Novembro de 1960 entre um total de 125 criados, sendo apenas 7 do sexo masculino, rendeu 635\$50; a maioria das oferendas era de apenas 1\$00 ou 2\$50. ASCMPS, «Peditório das criadas 1960».

³⁶ Os donativos dos Empregados e «doentinhos» do Hospital totalizaram 525\$50 e 2 casaquinhos de lã, em 1965, e 555\$00, em 1968; a maior parte das oferendas era de quantias de 5\$00 e 20\$00; o número de oferentes foi de 50 e 40, respectivamente, a maioria do sexo feminino. ASCMPS, «Peditório dos Empregados e doentinhos do Hospital».

Todas as edições do Cortejo foram consideradas um sucesso. Nas actas das sessões da Mesa, destacavam-se o «ótimo resultado» (1952) ou o «êxito» (1955, 1968, 1971) da iniciativa³⁷; nas páginas de *Ecos do Sor*, assinalava-se igualmente que o Cortejo «foi um êxito» (1965), avançando em primeira-mão os valores obtidos, mesmo que apenas provisórios³⁸.

Em média, cada um dos oito Cortejos rendeu à Misericórdia cerca de 204.000\$00. Pensando apenas na década de 1950, em que se iniciou o evento, aquele valor desce para 194.000\$00. Ora, nos anos de 1954-1959, as despesas anuais da Misericórdia foram em média de cerca de 326.000\$00. Tal significa que, nessa década, um Cortejo era suficiente para cobrir aproximadamente 60% das despesas de um dos anos. Conclusões idênticas, embora menos expressivas, se podem tirar para anos posteriores: os Cortejos de 1968 e 1971 cobriram 35% e 40%, respectivamente, do total da despesa dos anos de 1967 e 1970³⁹.

Compreende-se, assim, por exemplo, a congratulação da Mesa, em reunião de 2 Novembro 1955, com o êxito do Cortejo recente, «que veio facilitar, por um, ou dois anos, a vida financeira desta Misericórdia». Verifica-se a importância do Cortejo para o equilíbrio financeiro da Santa Casa, face ao aumento das despesas e à insuficiência das receitas, o que está de acordo com os motivos invocados para justificar e publicitar a iniciativa.

O auxílio financeiro fazia-se pela entrada de dinheiro, como receita, mas também pela de géneros, que eram consumidos no próprio Hospital, o que permitia reduzir a despesa, ou vendidos a terceiros, gerando novas receitas. O valor das oferendas em dinheiro foi sempre superior ao dos géneros recebidos, de 53% a 90% do total; porém, o valor dos géneros chegou a 48% do total, em 1955. Inicialmente, a maioria dos géneros era

³⁷ ASCMPS, *Livro de actas das sessões da Mesa Administrativa 1950-1958*, Sessões de 7 Novembro 1952 e 2 Novembro 1955, fls. 20v-21 e 50-51; *Livro de actas das sessões da Mesa Administrativa 1968-1978*, Sessões de 31 Dezembro 1968 e 9 Dezembro 1971, fls. 6-7 e 39-40.

³⁸ Veja-se, por exemplo, *Ecos do Sor*. 331 (20/12/1965) 1-4.

³⁹ O Cortejo de 1968 rendeu 221.000\$00 e a despesa anual de 1967 foi de 625.000\$00; o de 1971 rendeu 300.000\$00 e a despesa anual de 1970 foi de 764.000\$00. Para tudo, ver ASMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas e Ecos do Sor*; vários números.

vendida (83% do total recebido em 1955 e 65%, em 1957), mas em 1965 78% de todos os produtos recebidos ficaram no Hospital para consumo⁴⁰.

Tomando como exemplo os dados relativos ao Cortejo de 1955, o Hospital aproveitava para consumo próprio roupas, sobretudo roupa de cama, mas também peças de vestuário e calçado, produtos oferecidos pelas principais casas comerciais de Ponte de Sor (valor total de 2.491\$00); louças e utensílios diversos (411\$50); alimentos, principalmente cereais e leguminosas (arroz, vários tipos de feijão e grão) e mercearias (açúcar, azeite, farinha, massa), ofertados também por casas comerciais e, em pequenas quantidades, pela maioria dos particulares (categoria de valor mais elevado, 6.882\$75); combustíveis, nomeadamente, lenha e carvão, essenciais para o aquecimento e a cozinha (5.370\$00); e medicamentos, oferecidos pelos laboratórios farmacêuticos (2.500\$00)⁴¹.

Os produtos que não podiam ser consumidos, porque oferecidos em grandes quantidades ou desnecessários ao Hospital, eram vendidos a comerciantes, industriais, organismos locais ou particulares, sendo assim rentabilizados.

6. Significado social e simbólico do Cortejo de Oferendas

Reflectindo sobre os significados do Cortejo para além da questão económica, são de destacar a grande capacidade mobilizadora do evento e a sua forte representatividade social e comunitária. Por um lado, como acima se disse, a esmagadora maioria das pessoas contactadas pelas comissões de angariação oferecia, independentemente da sua classe social e das respectivas capacidades económicas, sendo criticados os que nada davam. Era socialmente aceite a ideia de que todos os pontessorenses, incluindo os (e)migrantes, tinham o dever de auxiliar o Hospital, o que denota um sentimento comum quanto à importância desta instituição. Curiosamente, o Hospital Vaz Monteiro, principal valência da Santa Casa da Misericórdia de

⁴⁰ Para tudo, ver ASMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas e Ecos do Sor*, vários números.

⁴¹ ASCMPS, *Dossier Cortejo de Oferendas*, «Donativos de várias proveniências, produtos que ficaram para consumo no Hospital 1955».

Ponte de Sor, acaba por se lhe sobrepor, surgindo aos olhos da comunidade como o símbolo da assistência concelhia. Por outro lado, o Cortejo em si gozava de bastante popularidade, como documentam as fotografias e a imprensa: a Vila «andava toda na rua, vestida de cores garridas, galhofeira, cheia de alegria» (1968)⁴².

O Cortejo pode também encarar-se como espelho da composição institucional e das clivagens socioeconómicas no concelho de Ponte de Sor, no período em causa. Como acima se verificou, eram convidadas a participar e marcavam, de facto, presença no evento instituições de todos os sectores da vida concelhia, administrativo, policial, económico, assistencial, cultural, desportivo, associativo. As mais importantes estavam representadas na Comissão de Honra de recepção das oferendas, que reunia a elite pontessorense e assistia ao desfile de uma perspectiva privilegiada, em recinto vedado ao público em geral. As próprias comissões de angariação de oferendas, embora incluindo indivíduos com profissões mecânicas e de menores rendimentos, eram constituídas por elementos que se destacavam socialmente de alguma forma.

De qualquer modo, das várias fontes analisadas, nenhuma reflecte tão claramente as diferenças socioeconómicas como as relações de peditórios, onde se registavam contributos tão distantes como as frequentes quantias de 2\$50 ou 5\$00 e as raras de 1.000\$00 ou 2.000\$00; ou como as pequenas ofertas em géneros, de um braço de cebolas, 2 ovos ou 3 romãs, por exemplo, e as muito significativas dos proprietários de casas comerciais e, sobretudo, agrícolas (roupas de valor superior a 100\$00, dezenas de alqueires de milho ou de litros de feijão e azeite).

Por fim, o Cortejo assume-se como «Símbolo de caridade», nas palavras de um dos cartazes de propaganda, e como manifestação da identidade e da solidariedade comunitárias. No que respeita à caridade, era um conceito recorrente tanto nos citados cartazes como nos artigos de *Ecos do Sor* sobre o evento: a publicidade ao Cortejo de 1957, onde se lia a velha máxima «Quem dá aos pobres, empresta a Deus», era um «alerta de caridade»,

⁴² *Ecos do Sor*. 437 (20/12/1968) 1-4.

incentivando o contributo pela recompensa escatológica⁴³. O estatuto de «Símbolo de caridade» deve também relacionar-se com o facto de o Cortejo ser a maior manifestação pública concelhia a esse nível, envolvendo grande parte da população.

Esse sentimento de identidade e solidariedade entre os pontessorenses encontra-se claramente expresso, por exemplo, no seguinte incentivo à participação no evento: «É casa de todos nós o Hospital Vaz Monteiro, já porque pertencemos à Família Pontessorense, já porque todos dela podemos necessitar. [...] § Se é de todos nós, a conclusão é lógica, colaborem generosamente na realização das suas benemerências.»⁴⁴. A união comunitária em torno desta iniciativa daria inclusivamente aos habitantes do concelho legitimidade para reclamar do Governo beneficiações para o Hospital «da sua terra»⁴⁵.

Conclusão

O Cortejo de Oferendas em benefício da Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Sor, que conheceu oito edições entre 1952 e 1971, teve como principal objectivo a angariação de fundos para responder às dificuldades financeiras da instituição, motivadas pela crescente frequência do Hospital Vaz Monteiro, sua mais importante valência. Consistia, à semelhança dos realizados por outras misericórdias em todo o País, num desfile de carros, alguns de carácter alegórico, que transportavam as oferendas recolhidas, percorrendo as principais ruas de Ponte de Sor e terminando junto ao Hospital, onde aquelas eram solenemente entregues.

A organização do Cortejo, relativamente complexa, implicava uma série de diligências por parte da Misericórdia, desde os contactos com as entidades

⁴³ «Não é em vão que se dá. O mais simples copo de água dado com os olhos no Alto, tem a sua recompensa. § Como não há-de ser recompensada a nossa dádiva para o Hospital? § Com prazer “Ecos do Sor” apela a todos os pontessorenses de perto e de longe para que, atentos ao “Alerta” da nossa Misericórdia, todos respondam em 1 de Dezembro próximo com generosidade, com nobreza, e sobretudo com amor de Deus e do próximo, pois só isto é caridade». *Ecos do Sor*. 60 (30/10/1957) 1.

⁴⁴ *Ecos do Sor*. 151 (30/10/1960) 1.

⁴⁵ *Ecos do Sor*. 535 (18/12/1971) 1-6.

oficiais à constituição da Comissão de Honra, passando pela propaganda do evento, a formação das comissões de angariação de oferendas e o envio de convites a diversas entidades para integrarem o desfile, entre outros aspectos. Nesse processo, era imprescindível a colaboração de particulares e instituições locais e regionais. Tratou-se de uma iniciativa de sucesso, quer em termos económicos, permitindo o equilíbrio das contas da Misericórdia, quer a nível social e simbólico, pela sua grande capacidade mobilizadora, assumindo-se como ocasião por excelência do exercício da benemerência/ /caridade no concelho.

In the context of the first stages of historic cartography, the poverty list and this work analyse the purposes which have been the generator of attention. There are the underlying purposes of the social history of every historical moment, which depend on the ideology of each stage of historiography, from presentism to post-modernism, including the most historical particularities. The strength comes from the approach to the classical and postmodernist theories applied to the economic and sociological context and the socio-cultural, it is reflected in the diachronic method, and focuses on different cultural and institutional subjects of the historical process, the Santa Casa Misericórdia. The final result was the work product of the synthesis, which takes up the socio-economic and social history.

Palavras-chave: Cartografia

Historiographic Purpose e cartografia: Misericórdia, pobreza e caridade

Historiography, Poverty and the Misericórdia: Cultural History